

AQUILO QUE CHAMAMOS DE PAISAGEM

What we call landscape

Artigo originalmente publicado como MADERUELO, Javier. Aquello que llamamos paisaje. **Visions**, Universitat Politècnica de Catalunya – UPC, Barcelona, Espanha, dezembro 2003, núm. 2, p. 20–25. Disponível em: <<https://upcommons.upc.edu/handle/2099/10506>>. Acesso em: 23 de nov. de 2023. Salvo indicação em contrário, o conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons: Attribution–NonCommercial–NoDerivs 3.0 Spain

Javier Maderuelo¹
Tradução de Rosely Kumm²

Resumo: A partir de um poema do coreano Kim Sa-kat, explora-se a extensão da ideia de paisagem, desenvolvida em torno dos conceitos de lugar, entrelaçamento e “misterioso”
Palavras-chave: paisagem. tradução. entrelaçamento. misterioso.

Abstract: *Based on a poem by the Korean Kim Sa-kat, the extension of the idea of landscape is explored, developed around the concepts of place, intertwining and “mysterious”.*

Keywords: *landscape. translation. intertwining. mysterious.*

¹ Javier Maderuelo é doutor em Arquitetura e História da Arte e professor titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Univesidad de Alcalá, na Espanha.

² Especialista em pintura pela Escola de Artes Oswaldo Verano no estado, de Goiás; estudante da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo; integrante do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (Leena/Ufes).

O poeta coreano Kim Byung-bom (1807-1863), mais conhecido pelo pseudônimo Kim Sa-kat, quando realizou sua primeira viagem às Montanhas de Diamante, famosas por sua beleza, escreveu o seguinte poema:

Pinheiro pinheiro, abeto abeto, rocha rocha se entrelaçam
Riacho riacho, montanhas montanhas, que lugar
Misterioso este lugar.

O escritor Yi Mun-yol, referindo-se a este poema, afirmou que Kim Sa-kat “estava satisfeito consigo mesmo por ter sido capaz de captar o esplendor da paisagem em apenas um instante”³. Esta combinação de rimas emparelhadas, que são consideradas uma das joias da poesia coreana, resume a ideia de paisagem; para tanto, recorre apenas à enumeração de alguns poucos elementos físicos significativos, que são: o pinheiro, o abeto, a rocha, o riacho e as montanhas; que sintetizam os doze mil picos e as mil e cem cachoeiras que compõem este conjunto paisagístico.

Na realidade, se o poeta quisesse expressar simplesmente a ideia de que as Montanhas de Diamante lhe pareciam uma paisagem, teria bastado defini-las com dois ideogramas: riacho-montanhas, que são os signos clássicos para definir o conceito de paisagem. Contudo, mesmo que o poema ofereça caráter sintético e restrito, próprio da técnica usada no Livro de Odes, Kim Sa-kat recorreu a uma autêntica enumeração de elementos. Estes elementos, todos naturais, se apresentam no poema a fim de explicar a diversidade do lugar. Os pinheiros e os abetos, no plural, pertencem ao reino vegetal, enquanto as rochas, os riachos e as montanhas representam o mundo mineral. As árvores e as águas dos riachos são mutáveis, mudam com o tempo, com o passar dos anos e das estações; enquanto as grandes rochas e a silhueta das montanhas permanecem imperecíveis. As formas dos abetos são diferentes da dos

³ No texto original não há indicações de referências para esta citação direta.

pinheiros, enquanto os riachos modificam seus cursos e alteram o fluxo da correnteza. Porém, acima desta descrição esquemática que pretende sintetizar toda a diversidade que constitui as Montanhas de Diamante, o poema é composto por três palavras (três conceitos) que definem a qualidade paisagística deste impressionante conjunto heterogêneo. Estas palavras são: “entrelaçam”, “lugar” e “misterioso”.

Como explica José Sancho Comins, só se pode falar de paisagem quando há “entrelaçamento”, ou seja, quando a diversidade formada pelos elementos que se oferecem à nossa contemplação aparece ligada ou entrelaçada. Obviamente, esse entrelaçamento não é físico, já que, em qualquer lugar, seja considerada paisagem ou não, uma árvore se encontra fortemente unida ao solo por suas raízes que se introduzem entre as rochas. Do mesmo modo, toda rocha se mantém segura no terreno, segundo suas propriedades físicas, apoiando-se umas sobre as outras, obedecendo a implacável lei da gravidade, e, dessa maneira, configuram-se as montanhas; enquanto todo riacho faz sulcos na terra, aproveitando as diferenças de níveis que a topografia oferece. Portanto, todo conjunto de elementos que surgiu de forma natural encontra-se fisicamente entrelaçado às leis ditadas pela natureza, alheio aos caprichos humanos. O entrelaçamento que faz o território se qualificar como paisagem deve ser buscado para além daquilo que nos oferece a mãe natureza, mais além da sua mera união física.

O segundo conceito que encontramos no poema de Kim Sa-kat é “lugar”. Essa palavra é realmente importante na definição de paisagem, ao menos sob o ponto de vista ocidental, pois, tanto nos idiomas latinos como nos anglo-saxões, o conceito de lugar faz parte do respectivo termo a que se refere o conceito de paisagem. Ou seja, em todos os idiomas ocidentais, o conceito de paisagem faz referência a um lugar, seja grande ou pequeno, mas, segundo as suas determinações “...aje”, “...escape”, etc., é algo mais que um simples ou determinado “lugar”.

O sentido completo do conceito de paisagem se adquire quando o

conjunto de elementos diversos e entrelaçados que definem um lugar obtém a qualificação da última palavra eleita pelo poeta coreano, ou seja, quando o lugar é dominado pelo “misterioso”.

Há de se reconhecer que essa palavra é a mais conflituosa de todas as que compõem esses versos e, para tanto, ela será superficialmente explicada na continuação do presente texto. E o é por várias razões que, brevemente, apresentam-se a seguir. A primeira questão é que, na palavra “misterioso”, descansa a metáfora do poema. Portanto, sem ela, o conjunto de palavras escolhido por Kim Sa-kat seria uma boa aproximação da definição de paisagem, porém, não chegaria a ser um poema autêntico. O espírito poético está na metáfora, ou seja, na tradução do sentido correto usado para construir outra figuração, para outro sentido figurativo. Por isso, será necessário especular sobre qual é o sentido que o poeta confere à palavra “misterioso”, e qual é para nós, agora, esse sentido.

Outro aspecto do conflito que circunscreve esse termo, e que se encontra unido ao anterior, é que a palavra em evidência foi escrita pelo poeta em ideogramas coreanos e nós a vemos duplamente traduzida de ideogramas para letras e de coreano para espanhol.⁴ Desse modo, isso nos obriga a fazer uma interpretação hermenêutica que conduz a um rastreamento de elementos culturais, históricos, linguísticos, filológicos, poéticos e perceptivos.

O que quer dizer, no poema, a palavra “misterioso”? Originalmente, o mistério é um arcano, o segredo em que se baseia a razão de ser de qualquer religião. Quando a tradutora do poema escolheu a palavra “misterioso”, ao contrário de qualquer outro sinônimo, convertendo-o para o espanhol o ideograma escrito por Kim Sa-kat, sem dúvida, levou em conta o sentido religioso que contem a palavra e à qualidade de reservado, ou secreto, à qual se refere.

Como metáfora, o sentido que a palavra “mistério” adquire em seu

⁴ E, agora, de espanhol para português, configurando-se uma terceira tradução.

deslocamento, nos conduz, nesses versos, do religioso ao poético, na medida em que toda poesia seja uma revelação de verdades ocultas, algo aceito na filosofia ocidental desde Platão a Heidegger. Se aceitarmos essa interpretação como possível, descobriríamos que aquilo que entrelaça os elementos físicos de um lugar para torná-lo paisagem é o misterioso, ou seja, algo revelado através da poética, o reservado, o subjetivo, o interpretativo. Efetivamente, somente há paisagem quando há interpretação, e essa sempre é subjetiva, reservada e poética ou, caso se queira, estética.

Muitos lugares são apreciados pela sua fertilidade, sua capacidade produtiva, sua posição estratégica ou pela abundância de suas jazidas minerais; outros, no entanto, são valorizados apenas por sua inusitada beleza. As qualidades estéticas de alguns lugares podem levar à sua exaltação como locais divinos. Há paisagens cujas formas naturais surpreendem, como, por exemplo, o Monte Athos, na Grécia, o Vale dos Reis, no Egito, a Colina de Selinunte, na Sicília, ou as Montanhas de Diamante, na Coreia, com seus 108 templos budistas. Esses e muitos outros lugares, possuidores de uma grande beleza, têm sido objeto de uma veneração que se expressa através da construção de templos, túmulos funerários ou marcos religiosos, que sinalizam suas características misteriosas. Assim, os lugares se sacralizam e se convertem em paisagens, cujo valor está para além das qualidades físicas e do utilitário. Da contemplação religiosa à contemplação estética, existe um breve passo, o passo que vai da crença religiosa – a aceitação do mistério religioso –, até o desfrute dos prazeres da imaginação – a racionalização poética de sensações empíricas.

Diante de nossos olhos, abre-se um espetáculo incrível, formado por uma infinidade de elementos com diferentes tamanhos, formas, aparência, cor e texturas, que se encontram situados a diferentes distâncias de nosso campo de visão.

Algumas dessas visões de mundo foram interpretadas como

permanentes: as montanhas, o céu, o solo e o mar estão lá, estavam antes e permaneceram por muitos séculos. Essa predeterminação dos elementos que formam o mundo nos levou a forjar uma ideia de inevitabilidade, impedindo – desde as origens do homem até poucos séculos atrás –, que o mundo fosse visto sob a qualidade do que hoje chamamos de paisagem.

Diante de nossos olhos, abre-se um campo visual que mostra o mundo em toda sua variedade e complexidade. Porém, não foi fácil aprender a ver esse mundo complexo e diverso, muito menos conhecê-lo. Daí surgem algumas perguntas: Como descobrimos a terra? Como passamos a apreciar e valorizar seus arredores e paisagens? E como o homem passou do ato de olhar para si para o de observar, desfrutar e compreender os fenômenos do mundo físico que nos rodeia? Essas são perguntas que constituem alguns dos grandes desafios que, hoje, quando queremos saber sobre paisagem, devemos responder.

Uma vez superada a dúvida metafísica, a paisagem começa a ser um tema interessante para a reflexão filosófica. A paisagem, como ideia que representa o meio físico, é o outro, algo que se encontra fora de nós e que nos rodeia, porém, como construção cultural, é algo que concerne muito diretamente ao indivíduo, já que não existe paisagem sem interpretação. Nos últimos anos, o interesse pela paisagem está reaparecendo até converter-se em um tema de reflexão filosófica que alude a diferentes campos epistemológicos, assim como diferentes aspectos da vida cotidiana da maioria dos cidadãos, para os quais se tornou um hábito utilizar o termo para diferentes situações.

Contudo, é preciso lembrar que durante, a “modernidade de vanguardista”, a paisagem caiu em uma região incerta e esquecida como um gênero de pintura enfraquecido e insubstancial, em uma série de receitas aplicadas por urbanistas, em uma metodologia de análise para geógrafos, ou perdeu-se como cavalo-de-batalha nas demandas de grupos ambientalistas.

O interesse que, agora, a paisagem tem despertado em âmbitos populares, se dá através do turismo, da possibilidade de viajar para lugares distantes e poder contemplar a natureza exótica – que antes só poderia ser sonhada –, há, também, o interesse paralelo, em níveis intelectuais e profissionais. Cursos, congressos e publicações específicas se encarregam de tratar temas relacionados ao impacto ambiental, enquanto novas leis são promulgadas e se formulam teorias e diretrizes para enfrentar, profissionalmente, os fenômenos que, embora tenham estado sempre diante de nossos olhos, eram invisibilizados até pouco tempo. Entretanto, muitas dessas ações e publicações não entram nos verdadeiros meandros ontológicos da paisagem; nem chegam a matizar os modos pelos quais o homem vai descobrindo e compreendendo os temas necessários para o entendimento do ponto em que nos encontramos nessa complexa relação entre o indivíduo e o meio ambiente. É necessário estabelecer uma ponte entre as descrições literária e plástica e as análises científica e filosófica, de modo a mostrar que a paisagem não é uma entidade fechada sobre si mesma, mas que oferece muitas facetas como tema de estudo. Cada forma de ver a terra, cada maneira de descrevê-la ou representá-la, supõe que, por trás dela, há algum tipo diferente de pensamento; assim, se estabelece uma relação entre objeto e sujeito por meio do olhar, que se tornam intencional e instrumental, pondo em evidência um paralelismo sinestésico entre olho e pensamento. Vemos apenas aquilo que somos capazes de reconhecer, e pensamos segundo aprendemos a ver a diversidade fenomenológica do mundo.

A paisagem e os valores que se encontram associados a ela foram redescobertos nos últimos anos por vias muito diferentes, em um leque de informações se abre desde o diletantismo artístico até o ativismo ecológico, passando pela prática urbanística, as atividades turísticas e o positivismo biológico. Essa diversidade de interesses demonstra que o conceito de paisagem está ampla, o termo que a designa está se diluindo sua capacidade de se referir a algo concreto e preciso. Seu conteúdo se dilatou de tal maneira que corremos o risco de não saber ao certo a que

nos referimos exatamente quando pronunciamos a palavra “paisagem”.

Pode causar certa surpresa constatar que, no século XIX, houve autores que foram reticentes ao utilizar o neologismo “paisagem”. Não será menos surpreendente constatar como, hoje, o uso excessivamente estendido do termo tem comprometido seriamente a possibilidade de enunciar uma definição geral de paisagem.

Por outro lado, a arte, através de sua necessidade de imitação e representação, nos tem ensinado a olhar e valorizar os cenários da natureza, contribuindo decisivamente, por meio da pintura, da poesia e da jardinagem, a configurar o conceito “paisagem”. As metamorfoses que a arte da paisagem tem experimentado desde a conquista de sua autonomia como tema pictórico, até a apropriação e abuso que fazem as correntes pós-modernas, mostram a riqueza e complexidade dessas relações.

Existem alguns elementos físicos como montanhas, vales, bosques, rios, pradarias, assentamentos humanos ou rebanhos de animais, que são mensuráveis e qualificáveis e, como tal, podem ser objeto de narrativas literárias e de catalogações científicas, ou podem ser descritos e registrados em documentos contratuais ou comerciais. Também podem ser representados em desenhos ou capturados em fotografias. Estes elementos, entre outros, constituem o “substrato físico” do que entendemos por “paisagem”.

Para nomear o conjunto desses elementos, usamos o termo “paragem”,⁵ que designa um sítio ou lugar dispostos de maneira determinada. No entanto, para que aqueles elementos, antes nomeados, adquiram a categoria de paisagem, para poder aplicar esse nome com precisão, é necessário que exista um olho que contemple o conjunto, e que produza um sentimento que o interprete emocionalmente.

⁵ Segundo o dicionário On-line Português, o termo “paragem” (*paraje*, em espanhol) refere-se às cercanias do lugar onde se está. Em espanhol, o termo se difere de *paisaje* porque este último termo é carregado de intencionalidade e interpretação.

A paisagem não é, portanto, aquilo que está ali, diante de nós, é um conceito inventado, ou melhor, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, mas o conjunto de uma série de ideias, emoções e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e de seus elementos constituintes. A palavra “paisagem”, com uma letra a mais que a palavra “paragem”, reclama para si algo mais: pede uma interpretação, a busca de um caráter e de uma presença, de uma emotividade.

Paisagem, segundo o dicionário da Real Academia Española, é “uma extensão de território que se vê desde um sítio determinado”. Portanto, a ideia de paisagem não se encontra tanto no objeto que se contempla, mas no olhar de quem observa. Não é o que está à frente, mas é o que é visto. Contudo, o olhar requer, por sua vez, um treino para contemplar. A contemplação da paisagem, do ponto de vista artístico, deve ser desinteressada, estética. Assim, a paisagem é o resultado da contemplação que se exerce sem fins lucrativos ou especulativos, mas pelo mero prazer de contemplar. Quando se viaja de um país para o outro, percebe-se a diferença entre os distintos entornos. Da constatação dessas diferenças resulta o termo paisagem, que se perfila como o conjunto de aspectos característicos de um país, que são detectados quando comparados com outros lugares ou países.

O que se vê requer que se aprenda a olhar para distinguir as diferenças; requer uma educação do olhar, pela qual se possa aprender a perceber os aspectos característicos e estruturais, independentemente dos aspectos secundários. Essa escola, em grande parte, é proporcionada pela pintura, por isso a palavra “paisagem” surge, na cultura ocidental, como um termo “pictórico”, criando um gênero particular da pintura a partir do século XVII e alcançando sua máxima expressão no século XIX, nesse período que abarca do Romantismo ao Impressionismo.

Para a crítica de arte do final do século XIX, a paisagem reúne determinadas condições de qualidade. Assim, Walter H. Pater define paisagem com as seguintes palavras: “Aquilo que chamamos, na

Inglaterra, de um *'park scenary'*, com esse sentimento de refinamento discreto que expressam as habitações rústicas, o gramado luxuoso, os aglomerados de árvores e as ondulações do terreno onde a economia sábia e sóbria encontram a graça de tudo”.⁶ Essa visão de paisagem, que corresponde à crítica estética do simbolismo no final do século XIX, manteve-se enraizada durante todo o século XX, de tal maneira que termos como refinamento, luxo e graça, assim como imagens estereotipadas compostas por árvores agrupadas em buquês, ondulações suaves do terreno, e o verde do gramado, para recorrer apenas aos elementos citados por Walter Pater, conferiram uma aura de qualidade ao termo paisagem, relegando o resto dos demais “cenários”, que carecem dessas qualidades, a uma condição não paisagística. Assim, a ideia geral de paisagem se vê unida à sensação de desfrute que reside na apreciação da imagem de um território.

Recebido em: 24 de outubro de 2023.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.

⁶ Não citação de fontes no original em espanhol. (Nota da Tradutora)